

**A TERRA
DOMINADA
PELOS
MARCIANOS**

**A GUERRA DOS MUNDOS
Livro II**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 *Escriba de Cristo, 1969 –
A Guerra dos Mundos – Livro II – A Terra dominada
Pelos marcianos.*

*Malhador/ SE , Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 111 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798686050549 Edição 1º

1. Ficção 2. Planeta Marte 3 H.G. Wells

4. Guerra dos Mundos 5. Ufologia

CDD 261 / 240

CDU 23

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

ÍNDICE

LIVRO DOIS › A TERRA DOMINADA PELOS
MARCIANOS [»]

Capítulo 1 : Espezinhados [»]

Capítulo 2 : O que vimos da casa arruinada [»]

Capítulo 3 : Os Dias de Cativoiro [»]

Capítulo 4 : A Morte do Coadjutor [»]

Capítulo 5 : O Sossego [»]

Capítulo 6 : O Trabalho de Quinze Dias [»]

Capítulo 7 : O Homem de Putney Hill [»]

Capítulo 8 : Londres Morta [»]

Capítulo 9 : Restos do Naufrágio [»]

INTRODUÇÃO

Este livro é de ficção científica, aliás, o primeiro livro de ficção que realmente virou um sucesso, mesmo escrito no século XIX ainda exerce um fascínio fantástico na mente dos homens. Pessoas com mentes brilhantes como H. G. Wells que foi capaz de descrever uma hipotética invasão alienígena na Terra no século XIX. O escritor inglês H. G. Wells foi capaz de nos transportar para uma batalha entre os terráqueos e os marcianos de acordo com a capacidade inventiva do autor em imaginar como os marcianos viriam e quais as tecnologias que eles dominariam. Por outro lado para o leitor do século XXI é empolgante ver como era o nosso mundo naquela época ainda sem a tecnologia dos carros à combustão, aviões, sem telefonia e sem internet

A descrição da batalha interplanetária supostamente ocorrendo inicialmente na Inglaterra nos revela o pânico que uma invasão alienígena causaria naquela geração, e o desfecho surpreendente que levou um dos lados a vencer a guerra. Eu também me delicieei com a criatividade de H;G. Wells em forjar diálogos entre o protagonista e vários interlocutores que ele encontrava no transcurso da fuga desorientada. Ao final o próprio autor do enredo faz uma reflexão da possibilidade real de uma invasão alienígena e também fica divagando sobre o futuro do nosso sistema solar e o fim da vida no planeta Terra.

Para quem não leu o volume UM vou somente recapitular o que aconteceu de forma muito sucinta: Cilindros começaram a cair na Terra, causando grande

espanto na humanidade. Estes cilindros parecem que vinha de Martes porque observações dos centros astronômicos haviam vistos como disparos de canhões lançando objetos na direção da Terra. Ainda não se tinha a ideia de foguetes de lançamento no século XIX.

Alguns dias após estas cápsulas chegarem na terra, ainda muito quentes devido o atrito com atmosfera terrestre, estes cilindros começaram a se abrirem a saírem de dentro monstros metálicos que pareciam polvos gigantes. Eram como máquinas que lançavam um raio mortal e uma fumaça tóxica matando tudo pela frente. No alto ficava o marciano propriamente dito controlando aquela máquina estranha. Até então somente a Inglaterra estava sendo atacada pelos marcianos. O livro vai sendo narrado pelo protagonista em sua fuga pelas estradas da Inglaterra, onde uma histeria tomava conta da população correndo para todo lado para escapar dos marcianos. Então chegamos aqui, no livro II.

Gustavo Henrique do blog [Leitura virtual](#) faz uma boa introdução também:

O livro é narrado em primeira pessoa por um personagem que não revela sua identidade, mas sendo um acadêmico especializado em Filosofia, possui um extenso conhecimento, até mesmo de outras aéreas. Ele nos relata toda sua vivência durante uma invasão de extraterrestres vindos de Marte. Apesar do título, tudo se passa em território inglês, quando num dia comum, acredita-se que um "meteoro" caiu na Terra. Logo vários curiosos acham o lugar da queda, inclusive nosso protagonista, e ficam a observar aquele objeto estranho,

que se descobre ser de metal. A surpresa fica por conta dos seres que saem desse objeto; criaturas jamais vistas, que possuem um poder bélico destruidor: um raio que simplesmente pulveriza as pessoas que atinge.
foto de arquivo pessoal

"... através do abismo do espaço, mentes que em, relação à nossa são como a nossa em relação às dos animais que perecem, intelectos vastos, frios e inexoravelmente, traçavam planos contra nós. E, no início do século XX, veio a grande desilusão."

Logo a notícia se espalha, contudo os marcianos demonstram dificuldade em se locomover, e isso dá aos humanos a falsa sensação de segurança, que confiam no Exército para derrotar os invasores. Entretanto nosso protagonista, dotado de sua visão e avaliação acadêmica percebe que os invasores já devem ter um plano traçado para a conquista do nosso planeta. Ele se mantém por perto, intrigado por saber tudo o que pode sobre os marcianos. O Exército entra na batalha, e a inevitável guerra se inicia. Num primeiro momento a impressão é que os humanos estão levando a melhor, mas os marcianos se defendem bem, e constroem aquilo que seria decisivo na guerra: um mecanismo que os permitiu se locomover com incrível velocidade e facilidade.

" E a Coisa que então vi! Como descrevê-la? Um tripóde monstruoso, mais alto que muitas casas, alçando - se sobre os jovens pinheiros e esmagando - os em seu percurso; uma máquina ambulante de metal reluzente, avançando a largas passadas pela urze; cordas articuladas de aço pendiam das laterais, e o barulho

estridente de sua passagem misturava - se ao estrondo da tempestade."

Esse novo mecanismo dos marcianos foi o ponto derradeiro para a dominação. Não tardou até toda Grã-Bretanha ser tomada. A partir desse ponto o protagonista nos narra a vida humana sob o domínio marciano. E uma reviravolta parece ser impossível, porque durante vários dias, novos marcianos chegam em suas naves. E nessa parte que o protagonista foca em todos os seus sentimentos, e como sua mente procura freneticamente uma solução, enquanto ele enfrenta a dificuldade de manter as necessidades básicas de sobrevivência como alimentação e abrigo. E para total asco do protagonista ele descobre que os invasores se alimentam de nosso sangue! O final se revela inesperado, como visto no filme de Steven Spielberg. E por falar no filme, você já percebeu que eles têm foco diferente! Enquanto no filme o protagonista é um pai que busca proteger seus dois filhos, o livro nos mostra uma fuga solitária do protagonista, mesmo que ele tenha convivido por um tempo com um soldado e um padre.

O personagem principal é cativante, e é difícil não ser solidário a tudo que ele passa. As indagações feitas por ele, sua análise do ser humano utilizando o comportamento marciano, demonstrando que não somos tão diferentes apesar da fisionomia antagônica. O autor é muito sagaz na sua crítica da sociedade da época, nos mostrando que a crueldade dos marcianos em relação a nós é a mesma que muitas vezes praticamos com os animais! Ele nos alerta da necessidade de mudança e como somos seres muitas vezes intransigentes,

negligentes e arrogantes! O livro é um clássico exatamente por isso, por o autor ter sido o primeiro a relatar uma invasão extraterrestre, com os seres invasores nos dominando, com uma tecnologia superior, e superior em todos os aspectos.

"... uma sensação de destronamento, a convicção de que já não era o mestre, mas um animal entre outros, sob a tirania dos marcianos. Daí em diante, como animais, nós espreitaríamos, fugiríamos, buscaríamos esconderijos. O terrível império humano caíra."

CAPÍTULO I

ESPEZINHADOS

No primeiro livro desviei-me de tal modo das minhas aventuras para narrar o que aconteceu ao meu irmão que, nos dois últimos capítulos, eu e o coadjutor ficamos esquecidos na casa abandonada de Halliford para onde fugíramos a fim de escaparmos ao fumo negro. Vou resumi-las. Permanecemos toda a noite de domingo e todo o dia seguinte - o dia do pânico - numa pequena ilha isolada do resto do mundo pelo fumo negro. Quedamo-nos na expectativa, sofrendo por não podermos fazer nada durante aqueles dois fastidiosos dias.

Estava preocupado com a minha mulher. Imaginava-a em Leatherhead, aterrorizada, em perigo, chorando-me já como se eu fosse um homem morto. Passeava-me pelas salas e gritava, pensando no nosso afastamento, em tudo aquilo que poderia acontecer na minha ausência. Sabia que o meu primo era suficientemente corajoso para enfrentar qualquer emergência; porém, ele não era a espécie de homem que apreende rapidamente o perigo, que age com prontidão. Não se precisava agora de bravura, mas de circunspeção. Alimentava uma única esperança: a de que os marcianos ainda a não tivessem encontrado. Tais dúvidas faziam-me sofrer. Os constantes juízos do coadjutor aborreciam-me cada vez mais; o seu desespero já me enfastiava. Depois de o ter censurado em vão, afastei-me dele, e fui para uma sala - que servia,

sem dúvida, de escola, pois continha globos, bancos e cadernos de exercícios. Como ele fosse atrás de mim, refugiei-me num sótão. Queria estar só com a minha dor; fechei a porta à chave.

Estivemos totalmente cercados pelo fumo negro durante todo esse dia e a manhã do seguinte. No domingo à noite avistamos sinais de gente na casa vizinha - um rosto que assomou a uma janela, movimentos de luzes e, por fim, o bater de uma porta. Mas não sei de quem se tratava nem do que lhes aconteceu. Não vimos sinais deles no dia seguinte. Durante toda a manhã de segunda-feira, o vento impeliu o fumo negro em direção ao rio. Crepitava cada vez mais perto de nós e, finalmente, dirigiu-se ao longo da estrada de acesso à casa que nos servia de refúgio.

Cerca do meio-dia, um marciano atravessou os campos, destruindo tudo à sua passagem com um jato de vapor sobreaquecido, o qual se elevou contra as paredes, despedaçou todas as janelas em que tocou e queimou a mão do coadjutor quando este fugia da sala da frente. Finalmente, atrevemo-nos a espreitar de novo para fora, e pareceu-nos que a região a norte tinha sido assolada por uma tempestade de neve negra. Quando olhamos na direção do rio, ficamos atônitos ao vermos o vermelho que se misturava com o negro das veigas crestadas.

Durante alguns momentos, não nos apercebemos de quanto isto afetava a nossa posição. Sentíamo-nos apenas vagamente libertados do fumo negro. Porém, mais tarde, notei que já não estávamos cercados e que podíamos sair. Mal compreendi que o caminho de fuga estava livre pensei em agir. No entanto, o coadjutor

encontrava-se num estado letárgico, como que inconsciente.

- Aqui estamos seguros - repetia. - Aqui estamos seguros. Resolvi-me a abandoná-lo - oxalá o tivesse feito!

Mais prudente agora, graças à lição que recebera do artilheiro, procurei mantimentos por todo o lado. Encontrei óleo e trapos com que cobrir as queimaduras e peguei também num chapéu e numa camisa de flanela que encontrara num dos quartos.

No entanto, quando ele se convenceu de que eu queria sair sozinho, embora antes se mostrasse conformado, resolveu de súbito acompanhar-me.

E, na quietude da tarde, seguimos pela estrada enegrecida que conduzia a Sunbury.

Em Sunbury, e espaçados ao longo da estrada, jaziam alguns cadáveres contorcidos de cavalos e de homens, carroças viradas, bagagens, tudo coberto por uma espessa poeira negra. Aquela mortalha de cinza recordou-me o que lera acerca da destruição de Pompeia. Chegamos sem incidentes a Hampton Court, com o cérebro povoado por imagens estranhas e, aí, esforçámo-nos por descobrir um trato verde que tivesse escapado ao turbilhão sufocante. Atravessamos o Bushly Park onde os veados corriam de um lado para o outro, sob os castanheiros, e vimos alguns homens e mulheres, ao longe, correndo na direção de Hampton. Dirigimo-nos em seguida para Twickenham. Aquelas foram as primeiras pessoas que avistamos.

Ao longo da estrada, os bosques fronteiros a Ham e Petersham ainda estavam em chamas. Twickenham não fora atacada nem pelo Raio da Morte nem pelo

Fumo Negro, e via-se mais gente nesta região, que, todavia, não pôde dar-nos informações. A maioria dessas pessoas encontrava-se numa situação idêntica à nossa, aproveitando a trégua para mudar de abrigo. Tenho a impressão de que muitas das casas ainda estavam ocupadas por habitantes demasiado assustados para fugir. Também aqui eram evidentes os sinais de um tropel precipitado ao longo da estrada. Recordo mais claramente um amontoado constituído por três bicicletas despedaçadas, esmagadas pelas rodas de carroças. Cerca das oito e meia, alcançamos a ponte de Richmond. Como é natural, atravessamo-la rapidamente, pois encontrava-se a descoberto, mas consegui divisar um certo número de vultos vermelhos, com alguns metros de largura, vogando. Não sabia do que se tratava - não havia tempo para um exame minucioso - e fiquei-me por uma interpretação mais horrível do que aquela que mereciam. Também aqui, do lado de Surrey, se via poeira negra que outrora havia sido fumo, e cadáveres - um monte junto à entrada da estação -, mas só vislumbramos os marcianos quando nos encaminhamos na direção de Barnes. Avistamos, ao longe, um grupo de três pessoas que desciam a correr por uma rua marginal em direção ao rio, que nos parecia deserto. No cimo da colina, a cidade de Richmond ardia com rapidez; nas imediações desta cidade não havia vestígios do Fumo Negro.

Então, de súbito, perto de Kew, aproximou-se, a correr, um certo número de pessoas e o topo de uma máquina de combate marciana assomou por cima das casas, a menos de uma centena de metros de distância. Ficamos aterrorizados ao vermos o perigo que corríamos. Se o marciano tivesse olhado para baixo, pereceríamos

imediatamente. Estávamos tão assustados que não nos atrevemos a prosseguir. Voltamos para trás e escondemo-nos debaixo do alpendre de um jardim. O coadjutor agachou-se, chorando silenciosamente, e recusou tornar a mover-se.

Mas a minha ideia fixa de alcançar Leatherhead não me deixou em sossego e, quando o crepúsculo desceu, aventurei-me novamente. Atravessei um grupo de arbustos e uma álea, ao lado da casa grande, que se mantinha firme, e desemboquei em seguida na estrada para Kew. Abandonara o padre no alpendre, mas ele veio a correr atrás de mim.

O segundo passo a dar era a coisa mais temerária que jamais fizera, pois sem dúvida os marcianos encontravam-se perto de nós. Mal o padre me alcançou, avistámos a máquina de combate que víramos antes, ou uma outra, ao longe, atravessando os prados na direção de Kew Lodge. Quatro ou cinco pequenas figuras escuras atropelavam-se diante dela, por sobre o verde-acinzentado do campo, manifestamente perseguidas por este marciano. Não usou o Raio da Morte para destruí-las: limitou-se a agarrá-las uma a uma. Aparentemente, arremessava-as para o interior do grande carregador metálico que sobressaía por detrás da máquina, tal como a cesta que um trabalhador carrega às costas.

Compreendi pela primeira vez que o propósito dos marcianos não deveria ser, simplesmente, a destruição dos humanos derrotados. Ficámos petrificados durante alguns momentos, depois voltámo-nos e fugimos por um portão, que se encontrava atrás de nós, para um jardim murado; deixámo-nos cair num fosso que surgiu

oportunamente e ali ficámos até surgirem as estrelas. Entretanto, mal nos atrevemos a cochichar.

Suponho que deveriam ser umas onze horas quando ganhámos coragem para continuar. Desta vez, não nos atrevemos a seguir pela estrada. Rastejámos, antes, ao longo das sebes e através das plantações perscrutando penetrantemente a escuridão. Ele seguia à direita e eu à esquerda, procurando vislumbrar os marcianos que pareciam encontrar-se muito perto de nós. Casualmente, deparou-se-nos uma área crestada e enegrecida, agora arrefecida e coberta de cinzas, e um certo número de cadáveres de homens, espalhados, com a cabeça e o tronco horrivelmente queimados, mas com as pernas e o calçado na maioria intactos, e mais adiante, a alguns metros de distância de quatro espingardas rachadas e de algumas carretas de peças feitas em pedaços, cadáveres de cavalos.

Sheen, ao que parecia, escapara à destruição, mas a região estava despovoada e mergulhada no silêncio. Não encontrámos aqui nenhum cadáver; no entanto, a noite estava demasiado escura para que pudéssemos proceder a buscas nas estradas que marginavam a zona. Em Sheen, o meu companheiro queixou-se, de súbito, de fome e de sede, e decidimos explorar uma das casas.

A primeira casa onde entrámos, com certa dificuldade, pela janela, era uma pequena vivenda isolada, e não encontrei nada que comer, salvo alguns queijos cheios de bolor. No entanto, havia água, e apoderei-me de uma machadinha que poderia ser útil para arrombar a casa seguinte.

Encaminhámo-nos, em seguida, para o local onde a estrada descreve uma curva, na direção de Mortlake. Vimos, aí, uma casa, no interior de um jardim murado. Na despensa, achámos uma certa quantidade de provisões - dois pães inteiros dentro de uma panela, um bife cru, e metade de um presunto. Faço um inventário preciso, pois, como na realidade aconteceu, deveríamos subsistir com esta comida durante uma quinzena. Debaixo de uma prateleira havia garrafas de cerveja, dois sacos de feijão e algumas alfaces frescas. A despensa dava para uma espécie de cozinha, com alguma lenha. Num guarda-louça, descobrimos uma boa porção de garrafas de Borgonha, sopa e salmão enlatados e duas caixas de biscoitos.

Sentámo-nos, às escuras, na cozinha adjacente - não nos atrevemos a acender a luz-, comemos o pão e o presunto, e bebemos cerveja pela mesma garrafa. O coadjutor, embora ainda amedrontado e inquieto, mostrava-se agora singularmente activo e eu incitava-o a comer, para que conservasse as forças, quando aconteceu aquilo que significava uma ameaça de encarceramento.

- Ainda não pode ser meia-noite - disse eu.

Nesse momento viu-se um clarão ofuscante de luz verde. Todas as coisas que se encontravam na cozinha pareceram claramente visíveis no verde e na escuridão, e sumiram-se de novo. Em seguida, ouvimos um estrondo, como eu jamais ouvira ou ouviria. Um momento depois, ouvi um baque atrás de mim, um ruído produzido pelo estilhaçar de vidros, um estampido e o

estrondo provocado pelo desmoronamento da alvenaria, à nossa volta. A cal do teto caiu em cima de nós, desfazendo-se numa miríade de fragmentos por sobre as nossas cabeças. Bati com a cabeça no fogão e fiquei aturdido. Contou-me o Padre que estive inconsciente durante muito tempo. Quando voltei a mim, estava de novo escuro, e ele, com o rosto molhado - descobri mais tarde que escorria sangue de um golpe na testa -, borrifava-me com água.

Durante alguns momentos, não fui capaz de recordar o que tinha acontecido. Depois, gradualmente, tudo se tornou nítido. Uma contusão na testa afirmava-o por si.

- Sente-se melhor? - perguntou o coadjutor, num sussurro. Respondi-lhe, por fim. Soergui-me.

- Não se mexa - disse ele. - O chão está coberto de cacos de louça que caiu do armário. Não poderia mover-se sem fazer ruído, e eu creio que eles estão lá fora.

Ficamos tão silenciosos que mal ouvíamos a respiração um do outro. Tudo parecia mortalmente imóvel, salvo, em dado momento, qualquer coisa, um pedaço de estuque ou tijolo, que resvalou junto de nós com um som atroador. No exterior, muito perto, ouvia-se um ruído metálico intermitente.

- Aquilo! - exclamou o Padre quando o ouvimos outra vez.

- Sim - disse eu. - Mas o que é?

- Um marciano - respondeu ele. Prestei de novo atenção.

- Não me pareceu o ruído provocado pelo Raio da Morte - afirmei, e durante alguns momentos julguei que uma das grandes máquinas de combate tinha embatido na casa, como quando assistira ao choque de uma delas com a igreja de Shepperton.

A nossa situação era tão estranha e incompreensível que mal nos mexemos durante três ou quatro horas, até nascer o dia. E depois a luz infiltrou-se não pela janela, ainda sombria, mas através de uma abertura triangular entre uma trave e um montão de tijolos partidos, na parede atrás de nós. Pela primeira vez, víamos o interior da cozinha mergulhado numa espécie de penumbra.

A janela despedaçara-se sob a pressão de uma massa de terra do jardim, que resvalara para cima da mesa à qual estivéramos sentados e jazia debaixo dos nossos pés. No exterior, a terra acumulara-se contra as paredes da casa. No cimo do caixilho da janela, via-se um tubo de algeroz, arrancado. No chão, achavam-se espalhados pedaços de ferragens; o fundo da cozinha aluíra, e logo que surgiu a luz do dia tornou-se evidente que a maior parte da casa desabara. Contrastando vivamente com este espetáculo de ruína, via-se o elegante armário, colorido, à moda, verde-claro, com um certo número de recipientes de cobre e de lata em baixo, o papel da parede a imitar azulejos azuis e brancos, e papéis coloridos colados na parede por cima do fogão da cozinha.

Quando o dia aclarou mais avistamos, através da brecha na parede, o corpo de um marciano que fazia sentinela, creio, defronte do cilindro ainda incandescente.

À vista disto, rastejamos tão cautelosamente quanto possível da penumbra da cozinha para a escuridão da copa.

Bruscamente, a interpretação exata do que se passava surgiu no meu cérebro.

- O quinto cilindro - sussurrei -, o quinto tiro disparado de Marte atingiu esta casa e soterrou-nos sob as ruínas!

Depois de alguns momentos de silêncio, o coadjutor murmurou:

- Deus tenha piedade de nós! Recomeçara a lastimar-se.

Salvo os seus murmúrios, guardamos um silêncio absoluto, mergulhados na escuridão; pelo meu lado, mal me atrevia a respirar e mantinha os olhos fixos na luz fraca que se infiltrava pela porta da cozinha. Só podia ver o rosto do padre, uma forma espadada, oval, o colarinho e os punhos da camisa. No exterior, o martelar metálico recomeçou, seguido de um tumulto violento e, após uma pausa, um silvo semelhante ao de uma máquina. Estes ruídos, na sua maioria de explicação problemática, continuaram espaçadamente e, quando muito, pareciam crescer à medida que o tempo passava. Neste momento, começava, para prosseguir, um ruído cadenciado de pancadas e uma vibração que faziam estremecer todas as coisas que nos cercavam e retinir e deslocar os recipientes que se encontravam na despensa. A luz eclipsou-se e o sombrio vão da porta escureceu totalmente. Devemos ter permanecido ali durante muitas horas, agachados, silenciosos e trémulos, até não conseguirmos mais resistir ao sono...